



**CONHECIMENTO CIENTÍFICO TECNOLÓGICO E A RELAÇÃO  
UNIVERSIDADE-INCUBADORA-EMPRESA: O CASO DE UMA INCUBADORA DE UMA  
UNIVERSIDADE COMUNITARIA EM SANTA CATARINA, BRASIL**

**RENATA SILVA**

Universidad Nacional Tres Febrero – UNTREF (Doutoranda)

E-mail: [renataprofadm@gmail.com](mailto:renataprofadm@gmail.com)

**ISABELA DESCHAMPS BASTOS**

Universidad Nacional Tres Febrero – UNTREF (Doutoranda)

E-mail: [isabeladeschamps@gmail.com](mailto:isabeladeschamps@gmail.com)

**RESUMO**

A produção do conhecimento científico pode ocorrer entre a universidade e as empresas por meio de incubadoras tecnológicas e empresariais, envolvendo a comunidade do entorno. Este conhecimento é de grande relevância social e política para o crescimento da sociedade e da universidade como também para o desenvolvimento da ciência e tecnologia. O objetivo desta pesquisa foi verificar os procedimentos de uma incubadora em uma universidade comunitária em Santa Catarina (Brasil). A pesquisa caracteriza-se como básica, qualitativa e exploratório-descritiva, considerando a produção de conhecimento Modo 1 e Modo 2, as inter-relações da universidade, organizações governamentais e setores privados (Tríplice Hélice). O estudo voltou-se para a análise da gestão e desenvolvimento de uma incubadora em uma universidade comunitária brasileira. Os dados bibliográficos e documentais foram coletados em artigos científicos, livros, e com informações públicas disponíveis no site da universidade como o Plano de Desenvolvimento Institucional. A análise de dados foi desenvolvida de forma qualitativa considerando as variáveis de estudo relacionando-as com a revisão teórica especializada. Conclui-se que a incubadora da universidade pesquisada é um grande exemplo da atuação da universidade na sociedade. Ela assessora novos projetos de negócios inovadores e estimula novos produtos e serviços com perspectivas mercadológicas. Esta universidade comunitária possui em sua visão, missão e valores, os preceitos e diretrizes relacionadas ao desenvolvimento e pesquisa, gestão criativa e empreendedorismo de projetos sociais, parcerias com a comunidade e compromisso social com o desenvolvimento regional. Percebeu-se em sua estrutura administrativa e nas premissas da extensão universitária a preocupação com a inovação social e desenvolvimento econômico e social das comunidades e empresas da região e do Estado.

**Palavras-chave:** Incubadora Universitária. Conhecimento Científico. Tríplice Hélice.

## 1 INTRODUÇÃO

O conhecimento científico pode ser desenvolvido nos espaços universitários e científicos, como também pela experiência diária e organizacional produzida em organizações e ambientes sociais. Há ainda a produção do conhecimento gerada entre a universidade e as empresas, envolvendo assim a comunidade do entorno. Este conhecimento é de grande relevância social e política para o crescimento da sociedade e da universidade como também para o desenvolvimento da ciência e tecnologia.

Estebanez (2016) destaca novas formas de produzir conhecimento científico que liga a universidade e seu ambiente socioeconômico. Esse fenômeno é chamado de "cientificação". O conhecimento científico e tecnológico é de grande importância social e política para o crescimento da sociedade e para o desenvolvimento da ciência e tecnologia.

Para Schwartzman (2005) cientistas, estudiosos e filósofos estão acostumados a considerar que existe apenas uma maneira de conhecer o mundo (o certo e o verdadeiro): o "científico". Por outro lado, o autor considera que alguns reconhecem que o conhecimento também é fornecido por organizações e formatos institucionais e sociais muito diferentes uns dos outros. O autor apresenta a seguinte controvérsia: a construção social do conhecimento e "guerras científicas". A "Guerra das Ciências" foi nomeada no final da década de 1990 como resultado das décadas de 1970 e 1980 da grande revolução da desconstrução das ideias modernistas no campo dos estudos sociais da ciência.

As relações das universidades com o ambiente socioeconômico são muito produtivas quando obtiveram um prestígio no seu alcance geográfico de influência, seja pela qualificação dos profissionais que formam ou pela capacidade demonstrada pelos membros da comunidade acadêmica para resolver o problema. Exige os elementos deste ambiente nos campos científico e técnico. (JACOVKIS, 2017)

Nessas relações, pode-se destacar as atividades que ocorrem entre a universidade e as empresas. As Incubadoras de empresas nas universidades ou nos Parques Científicos ou Tecnológicos são uma excelente associação com as universidades para desenvolver e produzir o conhecimento científico e tecnológico, relacionando as empresas e a comunidade.

As incubadoras de empresas podem ser consideradas como uma das duas formas ou estratégias utilizadas pelos institucionais e empresários que permitem a transformação do conhecimento em produtos, processos e serviços. É muito importante a participação efetiva de setores que desenvolvem pesquisas em atividades tecnológicas, universidades e outras instituições baseadas em tecnologia. A incubação de empresas é um processo que envolve e transforma um projeto de ideia de empreendedor em uma empresa. (Venturuzzi et al, 2007)

Neste contexto, tem-se a seguinte questão de pesquisa: quais os procedimentos de uma incubadora em uma universidade comunitária em Santa Catarina (Brasil)?

As universidades comunitárias brasileiras caracterizam-se por não terem fins lucrativos, onde os recursos gerados e/ou recebidos são integralmente aplicados em suas atividades, sendo mantidas por comunidades, igrejas, congregações e outras. Estas instituições, por sua vez, têm compromisso com a sociedade na qual estão inseridas, buscando atender as necessidades da comunidade.

Os procedimentos metodológicos deste estudo podem ser classificados como pesquisa básica, qualitativa e exploratório-descritiva, uma vez que gera conhecimento para a comunidade acadêmica sobre a relação entre universidade, sociedade e ciência, destacando os modos de produção do conhecimento denominados Modo 1 e Modo 2. Além das inter-relações da universidade, organizações governamentais e setores privados, chamada Tríplice Hélice, e também a gestão e desenvolvimento de uma incubadora universitária em uma universidade comunitária brasileira.

Assim, os dados do estudo foram coletados por meio de revisão bibliográfica em artigos, livros e estudos científicos sobre os temas mencionados acima e com análise documental sobre as características da incubadora universitária com informações públicas disponíveis na internet como o Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade, vídeos e reportagens sobre a incubadora. A análise de dados da pesquisa foi desenvolvida de forma qualitativa considerando as variáveis de estudo relacionando-as com a revisão teórica especializada.

O artigo apresenta a fundamentação teórica com as temáticas pesquisadas, a descrição da incubadora universitária estudada e por fim as considerações finais do estudo e a lista de referências bibliográficas utilizadas na pesquisa.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os modernistas concordavam que o conhecimento científico era distinto do conhecimento comum e que havia uma grande separação no pensamento racional do irracional, os especialistas e os iniciados dos leigos, que havia uma razão que deveria ser conhecida como um dever dos cientistas. Entretanto, alguns cientistas das ciências naturais começaram a perceber que não existia tanta diferença assim entre os dois mundos - ciência e senso comum.

A sociedade produz conhecimento útil e aplicado constantemente. O conhecimento empírico ou de senso comum tem sua importância desde o início da humanidade. Ele permanece até os dias atuais. As informações que o indivíduo considera por meio do seu cotidiano, da sua vivência ou experiência pode-se dizer que foi aquele conhecimento absorvido por meio empírico ou senso comum. Por meio da utilização dos sentidos é possível produzir conhecimento, porém de forma empírica, sem verdades únicas e absolutas, ou seja, passíveis de erros e acertos, e sendo assim, não apresentam a segurança e confiabilidade que as informações geradas por meio de conhecimentos científicos. Mesmo assim são informações válidas e úteis a sociedade e ao indivíduo, entretanto, possuem a especificidade de serem constatações subjetivas, assistemáticas e superficiais.

O conhecimento empírico então, ocorre em grupos sociais e familiares, bem como, nas organizações. Por outro lado, as organizações também desenvolvem descobertas e inovações por meio do conhecimento científico. Assim, as organizações públicas e privadas são espaços de produção de Pesquisas e Desenvolvimento (P&D), onde se tem um forte viés nas patentes e registros, mas o clássico ambiente deste tipo de conhecimento - científico- são as universidades.

Para Estebanez (2016) o fortalecimento de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) cria uma interação produtiva-industrial, e a orientação da produção de conhecimento científico com objetivos de desenvolvimento social e inclusivo. Assim, as universidades são agentes dinâmicos de vinculação com o entorno. A autora destaca as seguintes situações: a primeira é o crescimento das áreas de gestão tecnológica, a promoção de práticas de patenteamento e a articulação entre universidade e empresa do entorno em projetos consorciados de P&D; a segunda, é a aproximação de P&D no âmbito acadêmico, extensão universitária e o surgimento de fundos específicos para programas de desenvolvimento tecnológico. Esses têm a intenção de impulsionar o acesso ao conhecimento inovador.

Historicamente, Estebanez (2016) informa que a relação da produção de conhecimento com a universidade ocorreu com as demandas econômicas e sociais do entorno. A chamada “primeira revolução acadêmica” consistiu na institucionalização das pesquisas nas universidades no século XIX. Já a “segunda revolução acadêmica” a institucionalização da missão de relação da universidade com tais demandas, por meio de novas práticas. A pesquisadora afirma também que a “terceira missão” tem relação com a geração, uso, aplicação e exploração, fora do âmbito acadêmico, do conhecimento e de outras capacidades que dispõem as universidades. Há trocas de conhecimento científico com a sociedade e outras formas de crescimento econômico.

Essas três missões se realizam de forma indissociáveis e interconectada nas instituições de educação superior com relação ao desenvolvimento econômico. No período pós-guerra novas doutrinas impulsionaram a formulação de políticas científicas que facilitam a entrada da ciência ao desenvolvimento econômico e bem-estar social, chamadas de “ideologias do desenvolvimento”. (Estebanez, 2016)

O bem-estar social ou qualidade de vida da sociedade é o grande objetivo da produção de conhecimento científico. Todos os esforços de investigadores e cientistas se voltam para gerar o desenvolvimento social, econômico, tecnológico, de segurança e progresso em geral.

Historicamente, existem dois modos de produção de conhecimento científico: Modo 1 e Modo 2. O Modo 1 se refere a organização do ensino em estruturas disciplinares, isto é, nas palavras dos autores, um conhecimento baseado em disciplinas. (Gibbons et al apud Campos, Ziviani e Roque, 2013).

O Modo 2 é em novo modo de produção de conhecimento científico na sociedade atual, com novas funções e definições para as universidades porque ocorrem trocas nas práticas e valores institucionais tradicionais. (Gibbons et al., 1994 apud Estebanez , 2016). A autora diz que este modo 2 de produção, não substituiu, mas coexiste com o modo tradicional ou Modo 1 caracterizado por uma

predominância da comunidade científica na definição de temas e valores de orientação da pesquisa, um enfoque disciplinar na abordagem dos problemas, os mecanismos de controle de qualidade pelos pares de forma excludentes. (Estebanez, 2016)

Os dois modos de produção do conhecimento na verdade são dois modelos ideais, entre o que seria uma ciência mais tradicional e uma ciência mais contemporânea, e que está descrito de forma sintética no quadro 1. (Gibbons et al., 1994 apud Bernheim, 2008)

| <b>Modo 1 (linear)</b>   | <b>Modo 2 (não-linear)</b>  |
|--|---|
| O conhecimento básico é produzido antes e independentemente de aplicações  | O conhecimento é produzido no contexto das aplicações   |
| Organização da pesquisa de forma disciplinar   | Transdisciplinaridade   |
| Organizações de pesquisa homogêneas  | Heterogeneidade e diversidade organizacional  |
| Compromisso estrito com o conhecimento: os pesquisadores não se sentem responsáveis pelas possíveis implicações práticas de seus trabalhos | " <i>accountability</i> " e reflexividade: os pesquisadores se preocupam e são responsáveis pelas implicações não científicas de seu trabalho |

Quadro 1 - Modos de produção de conhecimento científico

Fonte. Gibbons, Trow, Scottetal (1994 citado em Bernheim, 2008)

Para Bernheim (2008) a produção do conhecimento no Modo 1 afirma que a pesquisa inicia do conhecimento básico e então parte para as aplicações, sendo o pesquisador é livre para pesquisar o tema e a finalidade que mais achar conveniente. O pesquisador se preocupa com o avanço do conhecimento e sua tarefa é desenvolver uma boa pesquisa. É organizada por disciplinas, as organizações de pesquisa são homogêneas. O autor afirma que este é basicamente o modelo universitário que predomina no Brasil hoje em dia.

Para Gibbons et al. (1994 citado em Campos, Ziviani e Roque, 2013) alguns atributos do Modo 2 são:

- (1) o Conhecimento é produzido no contexto de sua aplicação, em uma constante negociação de acordo com as necessidades da sociedade, onde são consideradas a oferta e a demanda da sociedade e dos especialistas e socializadas entre todos;
- (2) a Transdisciplinaridade ocorre já que envolve um conjunto de especialistas direcionados a apropriação de práticas sociais e cognitivas;
- (3) a Heterogeneidade e a diversidade organizacional que tem como finalidade atender às resoluções dos problemas;
- (4) a Responsabilidade social e a reflexividade permeiam todo o processo da pesquisa;
- (5) o Controle de qualidade que perpassa o reconhecimento dos pares (como no Modo 1) e se volta a vários indicadores de produtividade como eficácia do processo e aceitação social.

Já para Bernheim (2008), o Modo 2 envolve o conhecimento básico aliado as aplicações. Ao pesquisar um produto novo outras descobertas e em outras áreas (disciplinas) vão ocorrendo. Desta forma, ocorre a transdisciplinaridade, em que há diferentes ideias em diferentes áreas, sendo então de forma heterogênea. Neste modo 2, os interesses públicos e privados se misturam, as universidades atuam junto a empresas e órgãos de governo, os setores privados financiam pesquisa governamental e vice-versa. Estas inter-relações geram um dinamismo diferente e propiciam a necessidade da responsabilidade social e da avaliação externa da pesquisa. Desta forma, o pesquisador não é cobrado somente pela qualidade da pesquisa que produzir, mas pela sua produtividade, rendimento, uso adequado dos recursos financeiros da pesquisa, efeito e prazos do estudo na sociedade e na ciência.

O Modo 2 compreende uma gama diferente e variada de pesquisa, em que muda o controle de qualidade, no qual o foco é a transdisciplinaridade e a produção do conhecimento é socialmente distribuída. Envolve uma interação constante entre os atores ao longo do processo de produção sendo uma produção socialmente mais responsável. No entanto, esse novo modo de produção, segundo os autores, não irá substituir o Modo 1. (Campos, Ziviani e Roque, 2013)

Entretanto, os autores destacam algumas especificidades ou particularidades do Modo 2 que devem ser consideradas: (a) não existe respeito por fronteiras: o conhecimento “vaza” da ciência para a sociedade e desta para a primeira; (b) possui estruturas organizacionais flexíveis, hierarquias horizontais e cadeias de comando abertas; (c) exige responsabilidade institucional e coletiva; (d) exige manter uma constante preocupação com o controle de qualidade. Em suma, o Modo 2 preocupa-se

com a geração de um conhecimento que seja socialmente robusto. (Videira, 2008, p.36); (Campos, Ziviani e Roque, 2013)

Assim, esta inter-relação organizacional das universidades, órgãos públicos e setores privados é chamada de Tríplice Hélice. Alguns autores estudaram a vinculação e trocas organizacionais da universidade com outros setores (indústria e governo) (Estebanez, 2016).

Para Schwartzman (2005) os modelos de produção científica são:

- O modelo da ciência – as universidades, os acadêmicos (sociologia da ciência);
- O modelo da técnica – a indústria, crescimento econômico, inovação (economistas);
- O modelo burocrático: a “*big science*” militar e governamental (cientistas, marxistas, cientistas políticos);
- A polêmica: “Scientist’s role” (Ben-David) versus “role of science” (Bernal)
- Tese: os três coexistem, mas têm culturas distintas, e se ignoram.

Schwartzman (2005) agrega os modelos da produção científica nas seguintes reflexões:

|                                  | <b>Ciência</b>                                    | <b>Técnico</b>                               | <b>Burocracia</b>                           |
|----------------------------------|---|--|---|
| Valores buscados                 | Conhecimento pelo conhecimento                    | Utilidade econômica e social por via técnica | Crescimento e fortalecimento organizacional |
| Sistema de aferição de qualidade | Pelo consenso da comunidade científica            | Pela aceitação do produto no mercado         | Pela valorização do trabalho na organização |
| Recompensa                       | Prestígio acadêmico e benefícios dele decorrentes | Valor de venda do produto                    | Poder burocrático-organizacional            |
| Apropriação do produto           | Pela difusão na comunidade                        | Pela apropriação do “ <i>know how</i> ”      | Pela organização                            |

Quadro 2: Modelos de Produção Científica

Fonte: Schwartzman (2005)

O “novo entorno”, como diz Estebanez (2016) implica em três setores institucionais: indústria ou setor produtivo, governo, universidade. Esses setores se inter-relacionam e geram infraestrutura para os processos de criação e socialização de conhecimentos. Assim, a universidade desenvolve novas competências, criam-se entidades não necessariamente no âmbito acadêmico, mas também como estruturas de interface, para a organização e gestão de vínculos interinstitucionais entre os três setores. Dessa forma, são desenvolvidas novas formas institucionais e processos de relacionamento.

Bernheim (2008) informa sobre as relações entre ciência, tecnologia e sociedade, a Declaração de Santo Domingo, aprovada pela Reunião Consultiva Latino-Americana e Caribenha para a Conferência Mundial sobre a Ciência (1999), afirmou: “É indispensável aprimorar o conhecimento e a análise, e contribuir para a harmonização do inter-relacionamento complexo entre ciência, tecnologia e sociedade.” A análise das relações entre universidade e sociedade está no centro do tema da importância da educação superior.

A educação superior é um fenômeno de extrema complexidade histórica, social e cultural, que perpassam as abordagens puramente economicistas, respeitem a necessidade de manter o equilíbrio entre as necessidades do setor produtivo e da economia, as da sociedade como um todo, e as necessidades do indivíduo como ser humano. (Bernheim, 2008)

No cenário atual, globalizado e inovador, há uma grande circulação internacional de pesquisas, descobertas, ideias, de conhecimento de contatos, sobretudo entre universidades, meios empresariais e governamentais. O sistema de produção de ciência e tecnologia cresceu muito nos últimos anos. Há muitos doutores formados por ano, o número de artigos publicados tem aumentado, mas o número de citações é muito baixo e o impacto internacional da produção científica brasileira no cenário internacional é muito pequeno. (Schwartzman, 2015)

Os ambientes universitários são instituições importantes tanto nos modos tradicionais como nos atuais, e de forma crescente dividem seu lugar como local de investigação com outras entidades (governos, empresas, grupos de investigação não governamentais). (Estebanez, 2016). As universidades são locais de produção de conhecimento, socialização, apresentação e novas descobertas, como também de registros e patentes.

Porém, o isolamento ainda existe em boa parte do ensino superior brasileiro. “As universidades públicas têm dificuldade para trazer gente de fora, para mandar gente para fora, não têm alunos internacionais, então não existe muita circulação de talentos”. Os critérios de avaliação da pesquisa são internos, e nem sempre seguem um padrão ou exigências internacionais. “Por isso, corremos o risco de perder de vista o que está acontecendo em outras partes do mundo”. (Schwartzman, 2015)

Schwartzman (2015) afirma que esta baixa participação do Brasil se relaciona em desenvolver uma indústria mais moderna, seja para desenvolver políticas públicas mais competentes. “Existem setores mais dinâmicos, mas nossa comunidade acadêmica é, predominantemente, uma comunidade científica bastante isolada. O número extremamente reduzido de patentes produzidas por pesquisadores brasileiros são uma manifestação deste baixo impacto”.

Considerando as características do Modo 2 e da Tríplice Hélice no cenário brasileiro, pode-se afirmar que a produção científica é muito pouco usada pela sociedade brasileira seja no âmbito empresarial, governamental e até universitário. Inclusive o número de patentes registradas por pesquisadores brasileiros no ambiente internacional é um indicador deste baixo impacto e participação da produção do conhecimento científico no mundo.

Audy (2009, p. 150) apresenta quatro processos relacionados a produção do conhecimento e a Tríplice Hélice:

- mudanças internas em cada hélice: desenvolvimento de estratégias de alianças entre empresas concorrentes (cooperação) e a incorporação do desenvolvimento econômico e social como missão da Universidade e o papel de articulador do Governo;
- reconhecimento da influência de cada ator nas ações dos demais: legislações governamentais nas áreas de propriedade intelectual, transferência de tecnologia e inovação (Lei Bayh-Dole nos Estados Unidos<sup>1</sup> e Lei da Inovação no Brasil<sup>2</sup>);
- criação de novas formas de relacionamento entre os atores, redes de cooperação, alianças estratégicas e outras formas de cooperação que visam estimular a criatividade e a coesão regional (Joint Venture Silicon Valley<sup>3</sup> nos Estados Unidos e outros), e a criação de ambientes de inovação (Parques Científicos e Tecnológicos, Incubadoras de Empresas);
- efeito recursivo pelas redes de relações interinstitucionais que representam a academia, as empresas e os governos, ampliando suas ações junto à sociedade.

A incubação de empresa transforma uma ideia de projeto de um empreendedor em um negócio. O processo pode variar de 3 a 5 anos, pode ou não ter uma infraestrutura física onde as incubadas estão alojadas, mas sempre terá assistência técnica na elaboração de planos de negócios, orientação aos mercados e articulação com instituições de conhecimento: universidades. (Venturuzzi, Longo, Martín y Velazco, 2007)

Com relação às incubadoras de empresas, Jacovkis (2017) apresenta quatro tipos de acordo com seu procedimento e situação atual de incubação:

- Empresa incubada: processo de avaliação e seleção (assinatura de contrato) e é instalada (forma virtual ou extramuros) durante um determinado prazo em uma incubadora de empresas;
- Empresa graduada: Passou por um processo de incubação e após uma avaliação deixa a incubadora para se instalar no mercado, tendo completado o período de permanência.
- Empresa estabelecida: Após um processo de avaliação e seleção, e assinado um contrato, ele é instalado em um parque tecnológico.

---

<sup>1</sup> Bayh-Dole Act (1980), lei americana que estimulou a produção de patentes em universidades que obtiveram financiamento de fundos federais, possui vasta bibliografia documentando seus resultados, críticas e áreas de melhoria. (CRUZ; SOUZA, 2014, p. 329)

<sup>2</sup> Lei de Inovação Tecnológica (LIT) (2004) é o marco regulatório para a facilitação da transferência tecnológica entre universidades e empresas, ao assegurar o direito de explorar os fluxos de caixa de licenciamentos sobre a produção de patentes e inovação. (CRUZ; SOUZA, 2014, p. 329)

<sup>3</sup> Joint Venture Silicon Valley, fundada em 1993, promove análise e ações relacionadas a economia e a qualidade de vida visando soluções inovadoras. A organização reúne líderes das empresas, do governo, da academia, do trabalho e da comunidade em geral. (Joint Venture Silicon Valley, 2017)

• Empresa vinculada ou associada: Empresa a qual uma incubadora, parque ou polo tecnológico presta serviços de vários tipos de forma sistemática ou habitual (e que não é incubada nem estabelecida) ou que pode fazer parte do conceito jurídico da empresa incubada, parque ou polo tecnológico.

Assim, podemos verificar que existem categorias distintas no processo de incubadoras que determinam a relação da empresa incubada com a universidade. Nesta relação conjunta, a empresa vai se aperfeiçoando, conhecendo melhor o mercado de atuação e sendo acompanhada pela universidade.

No processo de incubação se espera o desencadeamento de três tipos de efeitos (Venturuzzi, Longo, Martín e Velazco, 2007):

a) Sinergia: coordenação nas ações de diferentes organismos, em um objetivo comum de criação de valor agregado e trabalho conjunto. Esforço comum.

b) Mútuo desenvolvimento (fertilização cruzada): *feedbacks* positivos entre industriais, acadêmicos e pesquisadores para que o trabalho de um beneficie o outro e vice-versa. Supõe-se que essas relações promovam o fortalecimento das diferentes unidades envolvidas.

c) *Spin-off* (empresa derivada de outra) empresas deixam alguns de seus executivos ou técnicos criar a sua unidade de trabalho em um nicho vizinho (e possivelmente complementar) para o seu. Deixam o laboratório para lançar sua própria empresa. Supõe-se que a existência de incubadoras de empresas favorece o desencadeamento desse efeito.

O conceito de incubadoras de empresas começou com o Vale do Silício, na Califórnia, com iniciativas da Universidade de Stanford (EUA), que na década de 50 criou um Parque Industrial e posteriormente um Parque Tecnológico (Stanford Research Park) com o objetivo promover a transferência de tecnologia produzida pela Universidade, especialmente do setor eletrônico. Esta iniciativa estimulou sua reprodução dentro e fora dos Estados Unidos devido ao sucesso obtido. A estrutura que as incubadoras apresentam atualmente foi desenvolvida tanto nos EUA quanto na Europa nas décadas de 1970 e 1980. Governos locais, universidades e instituições financeiras se uniram para alavancar processos de industrialização em regiões subdesenvolvidas ou em declínio com o objetivo de promover desenvolvimento regional. (Venturuzzi, Longo, Martín e Velazco, 2007)

Outros países utilizam incubadoras de empresas como Japão, China, Índia, México, Turquia, Polônia, entre outras. No Brasil, a primeira incubadora foi instalada em 1985 na cidade de São Carlos, em São Paulo, e posteriormente foram criadas incubadoras em Florianópolis, em Santa Catarina, Curitiba, Campina Grande e no Distrito Federal. (Venturuzzi, Longo, Martín e Velazco, 2007)

Para Rauen (2006) citado por Kanitz (2013) em Santa Catarina as incubadoras e parques tecnológicos visam o desenvolvimento do setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e a criação de softwares, gerando polos de inovação regionais de estruturação desta indústria no Estado concentradas geograficamente em três cidades: Florianópolis, Blumenau e Joinville. O processo de dinamização e fomento à implantação de incubadoras e parques tecnológicos em Santa Catarina é fruto da indução de políticas de apoio governamental ao longo do processo histórico, e também da competência empresarial em algumas regiões formadas com suas especialidades alicerçadas por atores representantes de organizações públicas, privadas, educacionais como universidades e entre outros, com aporte de recursos e estratégias em todo território catarinense.

### 3 METODOLOGIA

O método é um instrumento do conhecimento que proporciona aos pesquisadores orientação para planejar uma pesquisa, elaborar hipóteses, fazer investigações, realizar experiências e interpretar os resultados obtidos. (Fachin, 2002). De acordo com Barros e Lehfeld (2000, p. 1) “metodologia é entendida como uma disciplina que se relaciona com a epistemologia. Consiste em estudar e avaliar os vários métodos disponíveis, identificando suas limitações ou não em nível das implicações de suas utilizações”.

Assim, a pesquisa se utiliza de procedimentos científicos para a investigação de um fato ou fenômeno, ou seja, de um objeto de estudo, onde por meio da análise de um sujeito, pesquisador, se faz as observações, análises e experimentações. Na visão de Fachin (2002, p. 123) “pesquisa é um procedimento intelectual para adquirir conhecimentos pela investigação de uma realidade e busca de novas verdades sobre um fato (objeto, problema)”.

Neste momento do artigo serão demonstrados os procedimentos metodológicos utilizados neste estudo, como também as formas de coleta de dados e de análise e interpretação dos dados da pesquisa. Desta forma, os procedimentos metodológicos desta pesquisa podem ser classificados referente a sua natureza como pesquisa básica, a abordagem do problema como pesquisa qualitativa, aos objetivos de caráter exploratório-descritivo e aos procedimentos técnicos como bibliográfica e documental.

Referente a natureza da pesquisa, o estudo é conceituado como básico pois tem a intenção de gerar novos conhecimentos a comunidade acadêmica e qualitativa quanto a abordagem do problema pois a investigação analisa e reflete sobre o conhecimento científico, tecnológico e a relação entre universidade-incubadora/-empresa. A pesquisa qualitativa segundo Castro (2006, p. 110) “busca criar uma situação experimental ou de observação que permita isolar o efeito de cada variável e caracterizar de forma precisa o impacto da causa sobre efeito”

Quanto aos objetivos, a pesquisa é exploratória e descritiva já que contou com a identificação dos fatores relevantes a produção do conhecimento e os procedimentos das incubadoras nas universidades. Deste modo, quanto a pesquisa exploratória Gil (2002, p. 41) informa que “estas pesquisas têm como o objetivo proporcionar maior facilidade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”. Já “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. (Gil, 2002, p. 42)

Referente aos procedimentos técnicos, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, documental e estudo de caso pois foi fundamental a análise do referencial teórico para compreensão do fenômeno. Fachin (2002) destaca que a fundamentação teórica é a coleta de material constituído por dados primários e secundários, no qual o pesquisador irá embasar sua pesquisa em coleta de livros e também periódicos. Já segundo o autor Richardson (1999), é algo mais amplo. Este define a fundamentação teórica como a tarefa que o pesquisador tem que realizar para interpretação do tema, o histórico ou fases atuais do tema, analisando de forma crítica as diversas concepções e perspectivas.

Os dados da pesquisa foram coletados e analisados por meio de revisão bibliográfica em artigos científicos brasileiros e estrangeiros, livros e estudos científicos, bem como a análise sobre as incubadoras no Brasil e especificamente o processo de incubação desenvolvido na universidade pesquisada foram essenciais para o estudo.

## **4 RESULTADOS DA PESQUISA**

Os resultados deste estudo serão apresentados inicialmente com um breve histórico e perfil da universidade investigada, bem como sua característica no ensino superior relacionada ao ensino, pesquisa e extensão. A incubadora da universidade, os procedimentos, os projetos e atuação da universidade, como também a relação entre a universidade e as empresas também serão expostos.

### **4.1 INCUBADORA TECNOLÓGICA EMPRESARIAL DA UNIVALI**

A Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) é uma das maiores instituições de ensino superior do Brasil. Localizada no litoral centro-norte de Santa Catarina, possui nove campi e uma unidade educacional, localizados nas cidades de Balneário Camboriú, Balneário Piçarras, Biguaçu (dois campi), Itajaí (Campus sede), Florianópolis (Campus Florianópolis), Penha (Unidade), São José (dois campi) e Tijucas.

Iniciou suas atividades em 1964 com duas faculdades (Ciências Jurídicas e Sociais, e Filosofia, Ciências e Letras). Em 1989 a instituição foi formalmente oficializada como universidade e assim ampliou sua estrutura de ensino, infraestrutura física e administrativa.

São mais de 25 mil alunos, 1200 docentes e 1300 técnicos-administrativos. A UNIVALI possui mais de 50 cursos superiores, cerca de 50 cursos de especialização ou aperfeiçoamento, dez mestrados e seis doutorados. Além disso, dedica-se à Educação de Jovens e Adultos e à Educação Básica – com o Colégio de Aplicação da UNIVALI (CAU) em três cidades atendendo mais de mil crianças e adolescentes, da Educação Infantil até o Ensino Médio.



A UNIVALI dispõe de 170 mil m<sup>2</sup> de área construída, 485 salas de aulas e 950 salas de apoio e laboratórios, todos equipados com tecnologia de ponta e monitorados por profissionais altamente capacitados. Espaços destinados às atividades práticas, como clínicas, agências, escritórios, incubadora, teatro, auditórios, ginásios de esporte e quadras poliesportivas, piscina e oito bibliotecas, que reúnem um acervo de 119,5 mil títulos de livros, 267,2 mil exemplares e cerca de 3,3 mil títulos de periódicos, com 85,7 mil exemplares.

A universidade abrange as principais áreas do conhecimento no ensino de graduação, pós-graduação, extensão e pesquisa, validadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico: Sociais Aplicadas; Humanas; Letras e Artes; Engenharias; Exatas e da Terra; Biológicas e da Saúde.

A visão da UNIVALI é “ser reconhecida como Universidade de excelência na atividade de ensino, no desenvolvimento e na divulgação de pesquisas e na **gestão criativa e empreendedora de projetos sociais.**” A missão “é produzir e socializar o conhecimento pelo ensino, pesquisa e extensão, estabelecendo **parcerias solidárias com a comunidade**, em busca de soluções coletivas para **problemas locais** e globais, visando à formação do cidadão crítico e ético.” Já valores “englobam o respeito ao pluralismo de ideias, o **compromisso social com o desenvolvimento regional** e global, a produção e uso da tecnologia a serviço da humanização, a ética no relacionamento e a formação e profissionalização de vanguarda.” (UNIVALI, 2017, grifo dos autores).

É possível perceber consolidados na visão, missão e valores mencionados e destacados anteriormente, que a universidade considera fundamental sua função social junto a comunidade do entorno, referente aos aspectos de empreendedorismo, inovação, parcerias com empresas e outros.

Assim, da Vice-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional atua na política de planejamento, alinhando-a ao Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI e à política orçamentária. Desenvolve cursos, programas e projetos institucionais vinculados a sociedade, no âmbito científico e tecnológico e seu posicionamento no cenário da educação superior brasileira e internacional. Esta Vice-Reitoria, por meio da Diretoria de Inovação, define áreas prioritárias em matéria de inovação e tecnologia, identifica fontes alternativas de financiamento da educação superior. Na esfera das políticas de inovação, define diretrizes de integração e de transferência de tecnologia e gestão do conhecimento entre a UNIVALI e entidades públicas e privadas, nacionais e internacionais. (UNIVALI, 2017)

Assim, o Núcleo de Inovação Tecnológica (UNIINOVA) foi implantado em 2009 com o objetivo de fomentar práticas inovadoras e tecnológicas em um ambiente produtivo, contribuindo para o desenvolvimento social, cultural e econômico do país.

Em 2014 atuou direcionado às demandas da universidade nas áreas de empreendedorismo, inovação e transferência tecnológica em grandes áreas (UNIVALI, 2017):

- Inovação – Propriedade Intelectual;
- Relações com a sociedade;
- Empreendedorismo – Incubadora Tecnológica Empresarial (ITE).

Desta forma, a Incubadora Tecnológica Empresarial (ITE) da UNIVALI tem como objetivo fomentar a cultura de empreendedorismo e inovação na universidade e na comunidade do entorno, contribuindo para o desenvolvimento de negócios que promovam, por meio da inovação, mudança e impacto positivo na sociedade. Tem então a intenção de avaliar ideias e oportunidades de negócio para serem selecionadas a participar do processo de incubação, auxiliando nos primeiros momentos de vida de uma empresa.

A sobrevivência das empresas incubadas é maior que as demais e isso é motivado pelas melhorias de competitividade que possuem e pelas capacidades adquiridas para inovar continuamente, de acordo com as exigências do mercado (Venturuzzi, Longo, Martín e Velazco, 2007).

Podem participar do processo de seleção de ideias inovadoras acadêmicos, egressos e membros da comunidade que queiram iniciar seu negócio. Para tal, para participar do processo é necessário submeter via edital de seleção de ideias inovadoras de negócio. O Edital permanece aberto durante todo o ano e as ideias são chamadas para a banca conforme a disponibilidade da ITE em receber novos negócios. Na primeira fase de seleção são analisadas as ideias submetidas. Na segunda fase de seleção os pré-selecionados participam de capacitações e Modelagem de Negócios, onde receberão preparação para a apresentação da ideia que passará por uma banca avaliadora externa. As ideias selecionadas desenvolverão seu negócio na pré-incubação. (UNIVALI, 2017)

As incubadoras de empresas cumprem com eficiência e eficácia o papel de indutores de processos de criação de negócios. Este processo é importante para que a inovação seja concretizada eficazmente para atender as demandas do mercado. Assim, o conhecimento, a eficiência e a velocidade dos processos de inovação são os elementos decisivos para aumentar a competitividade. (Venturuzzi, Longo, Martín e Velazco, 2007)

A ITE proporciona condições para que *startups* possam se preparar e fortalecer nas suas primeiras fases de desenvolvimento da empresa. O trabalho da incubadora é executado em fases, de acordo com o quadro 3, contribuindo diretamente com o desenvolvimento do negócio das empresas (UNIVALI, 2017):

| FASE          | PROCESSO   | OBJETIVO  |
|---------------|--|---|
| Pré-Incubação | Processo de vinculação com a ITE para apoiar a transformação de novas ideias sobre produtos, processos ou serviços, de pessoas físicas ou jurídicas, em projetos de incubação.   | O empreendedor possa desenvolver suas habilidades empreendedoras e validar hipóteses relacionadas a sua ideia inovadora.                            |
| Incubação     | Processo de desenvolvimento de empreendimento vinculado a ITE, que utiliza a infraestrutura física e os serviços oferecidos pela incubadora, ocupa espaço físico compartilhado, e mantém vínculo formal para desenvolver plenamente seus projetos. Nesta fase, as validações ainda continuam principalmente voltados aos canais de distribuição, estratégias organizacionais, vendas e formas de captação de investimento. | Auxiliar no desenvolvimento do negócio inovador com potencial. Criar uma cultura de resultados para um negócio de crescimento sustentável.          |
| Graduação     | Processo de desvinculação do empreendimento incubado que alcançou desenvolvimento suficiente para ser habilitado a sair da ITE. Os empreendedores graduados continuam sua conexão com o Uniinova participando de sessões de mentorias, capacitações, eventos que auxiliam os novos negócios incubados.   | Abrir novas portas. Auxiliar os próximos empreendedores com toda a experiência vivenciada. Manter-se no mercado com crescimento e sustentabilidade. |

QUADRO 3 – Procedimentos da ITE

Fonte: UNIVALI (2017)

Assim, a incubadora é uma oportunidade para empreendedores que tem como objetivo estimular a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas, principalmente de base tecnológica, facilitando e agilizando processos de inovação tecnológica, bem como capacitando empreendedores em aspectos técnicos e de gestão. Para tanto, os processos de incubação necessitam de um espaço físico projetado para hospedar temporariamente as empresas, fornecendo uma série de serviços como: (Venturuzzi, Longo, Martín e Velazco, 2007)

- Recursos humanos e serviços especializados disponíveis para empresas residentes para suas atividades de gestão de negócios, gestão de inovação tecnológica, comercialização tanto no mercado interno como internacional, contabilidade, marketing, jurídico-legal, captação de recursos, engenharia, propriedade intelectual e outros.
- Capacitação, formação e treinamento de empresários e empreendedores em temas como: gerenciamento, gestão, marketing, comercialização, engenharia, e outros.
- Acesso a laboratórios e bibliotecas de instituições de conhecimento que desenvolvem atividades tecnológicas.

A ITE da UNIVALI é formada por uma equipe composta de professores que coordenam e auxiliam nas atividades de mentoria, submissão de editais e eventos, funcionários, além de diversos parceiros que fortalecem o processo de incubação de empresas. As atividades desenvolvidas pela equipe da ITE e os serviços/estrutura disponibilizadas são:

- Consultoria na elaboração de projetos para captação de recursos junto às agências de fomento, quando se tratar de editais voltados para apoiar incubadoras, empresas ou projetos;
- Cursos, palestras, treinamentos, workshops e consultorias especializadas sobre legislação, contabilidade, comercialização, gestão empresarial e transferência tecnológica e temas correlatos à atividade empreendedora;

- Espaço físico compartilhado para a realização das atividades inerentes ao desenvolvimento de negócios inovadores;
- Serviços de recepção, atendimento telefônico, reserva de recursos compartilhados, impressão e digitalização;
- Rede sem fio Univali (WI-FI) mediante cadastro a ser efetuado junto à administração da ITE;
- Vaga de semestralista do sistema de estacionamento da Univali, mediante cadastro a ser efetuado junto à administração da ITE;
- Outras instalações da Univali externas à ITE, tais como laboratórios, auditórios, estúdios, com o intermédio da ITE.

Percebe-se que a universidade reconhece sua responsabilidade social e empresarial, possibilitando a comunidade local/regional desenvolva atividades de empreendedorismo e às empresas do entorno possam ter acompanhamento técnico e de assessoria.

Assim, a UNIVALI mantém o Programa Observatório de Políticas Públicas, que atua na formação continuada e no assessoramento de lideranças, organizações da sociedade civil e de conselhos municipais. O programa articula a prestação de serviços desenvolvida pelo Instituto de Pesquisas Sociais, o Núcleo de Estudos Sociais e Políticos e a extensão desenvolvida pela Incubadora Social para ampliar a interação institucional com a comunidade regional. (UNIVALI, 2017)

Na esfera da gestão, a inserção regional da Universidade se efetiva na assessoria prestada a empreendimentos sociais por meio da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, voltada à promoção da economia solidária e ao desenvolvimento do empreendedorismo voltado à autogestão — ações que viabilizam a inserção em cadeias produtivas locais e regionais, contribuindo para o desenvolvimento sustentável desses empreendimentos nos aspectos econômico, social e ambiental. (UNIVALI, 2017)

O programa da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, com abrangência e inovação social, visa favorecer o desenvolvimento do empreendedorismo voltado à autogestão, viabilizando a inserção em cadeias produtivas locais e regionais e, conseqüentemente, contribuindo para a promoção do desenvolvimento sustentável dos empreendimentos nos aspectos econômico, social e ambiental — na área da economia solidária. O programa tem priorizado o atendimento das famílias em situação de risco social, agricultores urbanos e periurbanos, desempregados, mulheres em condições de vulnerabilidade, jovens, idosos, grupos organizados em cooperativas e associações, entre outros. (UNIVALI, 2017)

Em 2014 a UNIVALI teve projeto aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para investir R\$ 338.792,74 na Incubadora de Empresas da universidade. É importante salientar que neste processo somente 2 projetos foram aprovados no estado de Santa Catarina e 25 em todo o país. O projeto envolve compra de equipamentos e reformas para readequação das salas de treinamento e dos espaços de incubação, mini auditório, além de qualificação dos incubados e da equipe gestora. (Revista Gestão Universitária, 2013)

A Universidade não apenas abre suas portas e disponibiliza infraestrutura física, como também, socializa seu conhecimento técnico-científico por meio do seu capital humano docente, atuando com responsabilidade social e cumprindo as finalidades de extensão universitária, contrapartida da universidade para com a comunidade onde está inserida.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o modo 2 é a forma atual de produção de conhecimento. Tem objetivos e controles específicos, é transdisciplinar e o conhecimento gerado a partir da pesquisa é socialmente socializado porque envolve constantemente os atores ao longo do processo produtivo. No entanto, este novo modo de produção, de acordo com os autores, não substituirá o Modo 1. Para alguns críticos, os novos modos de produção do conhecimento não parecem ser uma nova tendência como uma ideologia de certas políticas baseadas em comercialização da pesquisa universitária.

O conhecimento científico é desenvolvido de forma relacionada - universidade e sociedade, com a produção de conhecimento e benefícios compartilhados, bem como as inter-relações da universidade, organizações governamentais e setores privados que formam a Tríplice Hélice.

A nova forma de gerar conhecimento se caracteriza pelo envolvimento de alguns atores o que compartilha entre eles a responsabilidade, que se voltava somente a um pequeno número de especialistas. A universidade é uma instituição social cujas mudanças devem acompanhar as transformações sociais, econômicas e políticas de determinada região/sociedade.

Assim, as universidades devem reconhecer sua relevância diante da sociedade onde estão inseridas percebendo seu papel fundamental na geração e produção do conhecimento científico, na importância da extensão universitária e nos projetos sociais e empresariais, compartilhando as responsabilidades para a evolução da sociedade.

A UNIVALI, universidade comunitária localizada em Santa Catarina no Sul do Brasil, possui em sua visão, missão e valores, os preceitos e diretrizes relacionadas ao desenvolvimento e pesquisa, gestão criativa e empreendedorismo de projetos sociais, parcerias com a comunidade e compromisso social com o desenvolvimento regional. Percebeu-se em sua estrutura administrativa e nas premissas da extensão universitária a preocupação com a inovação social e desenvolvimento econômico e social das comunidades e empresas da região e do Estado.

A Incubadora da UNIVALI é um grande exemplo desta atuação da universidade na sociedade. Ela assessora novos projetos de negócios inovadores e estimula novos produtos e serviços com perspectivas mercadológicas. Os empreendedores recebem apoio técnico e de gestão, assessoria jurídica, contábil e administrativa, e também estrutural com instalações de um escritório equipado da incubadora para utilização do incubado. As equipes desenvolvem planos de negócio, executam pesquisas e desenvolvem produtos, recebem capacitação empreendedora e incentivos para se manterem no mercado competitivo, principalmente nos primeiros anos da empresa quando muitas empresas acabam não resistindo.

Conclui-se que a UNIVALI cumpre com seu papel social visando o apoio, acompanhamento e fomento de novos empreendedores, gerando inovação, novos conhecimentos científicos e estimulando a sociedade local.

## REFERÊNCIAS

- AUDI, Jorge L. N. E. *Educação superior e os parques científicos e tecnológicos*. In: Audy, Joerge L. N.; MOROSINI, Maria C. Inovação, Universidade e relação com a sociedade. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2009.
- BARROS, A. J. S. & LEHFELD, N. A. S. *Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica*. 2 ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BERNHEIM, C. T.; CHAUI, M. S. *Desafios da universidade na sociedade do conhecimento*. Brasília: UNESCO, 2008.
- CAMPOS, G., H. B.; VIZIANI, C.; ROQUE, G. O. B. (2013, abril). Análise da avaliação da qualidade em educação a distancia no modo 2 da produção do conhecimento. *Revista e-Curriculum*. Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC. São Paulo, v.11. n. 01. Recuperado de <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em: jun. 2017.
- CASTRO, Cláudio de Moura. *A prática da pesquisa*. 2. ed. São Paulo, 2006.
- CRUZ, Hélio Nogueira da; SOUZA, Ricardo Fasti de. (2014). *Sistema Nacional de Inovação e a Lei da Inovação: análise comparativa entre o Bayh-Dole Act e a Lei da Inovação Tecnológica* <https://www.revistas.usp.br/rai/article/viewFile/110254/108817>. Acesso em: jun. 2017.
- ESTEBANEZ, M. E. Ciencia, universidad y entorno: Conceptos y reflexiones. En: *Revista Política Universitaria*, Año 3. N. 3, Buenos Aires sept. Pag 3-12. lec-conadu, ISSN 2362-2911. 2016.
- FACHIN, Odília. *Fundamentos de metodologia*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

- Gil, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JACOVKIS, Pablo Miguel. *Política y Gestión de Ciencia y Tecnología en las Universidades*. Doctorado en Política y Gestión de la Educación Superior. Universidad Nacional de Tres de Febrero. Buenos Aires. 2017
- Joint Venture Silicon Valley. Recuperado de <https://jointventure.org/about-us/about-joint-venture>. Acesso em: jun. 2017.
- KANITZ, A. F. Parques tecnológicos e incubadoras constituídos no estado de Santa Catarina: um estudo geográfico. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103543/316880.pdf?sequence=1&isAllowed=Y>. Acesso em: jun. 2017.
- Revista Gestão Universitária. *Univali aprova projeto para investimentos na Incubadora de Empresas*. (2013). Noticias. Recuperado de <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/univali-aprova-projeto-para-investimentos-na-incubadora-de-empresas>. Acesso em: jun. 2017.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SCHWARTZMAN, S. (2005) Palestra sobre Modos de produção do conhecimento científico e tecnológico e as oportunidades para o setor de ensino superior particular. *VI Encontro Nacional de Pós-Graduação nas IES Particulares*, Salvador, 25 de agosto de 2005. Recuperado de [http://www.schwartzman.org.br/simon/2005\\_salvador.pdf](http://www.schwartzman.org.br/simon/2005_salvador.pdf) Acesso em: jun. 2017.
- SCHWARTZMAN, S. (2015, abril, 13-26). Livros de Simon Schwartzman radiografam o Brasil contemporâneo (entrevista). *Jornal da Unicamp*. Campinas (SP), p.6-7. Recuperado de [http://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju\\_622\\_paginacor\\_06e07\\_web.pdf](http://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju_622_paginacor_06e07_web.pdf) Acesso em: jun. 2017.
- UNIVALI. (2017). *Incubadora Tecnológica Empresarial e PDI*. Recuperado de <https://www.univali.br/institucional/vice-reitoria-planejamento-desenvolvimento-institucional/diretoria-de-inovacao/nucleo-de-inovacao-tecnologica/incubadora-tecnologica-empresarial/Paginas/default.aspx>. Acesso em: jun. 2017.
- VENTURUZZI, G., LONGO, E., Martín M.; VELAZCO E. *Incubadoras y Parques Tecnológicos*. Cat. OPP/CAG/2007-08. Eds: Observatorio de Políticas Públicas. Coordinación General del Cuerpo de Administradores Gubernamentales. Jefatura Gabinete de Ministros. Gobierno de la República Argentina: Buenos Aires, 2017